

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	35800	18900	9950	5120
Possessões ultramarinas (idem)	46000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

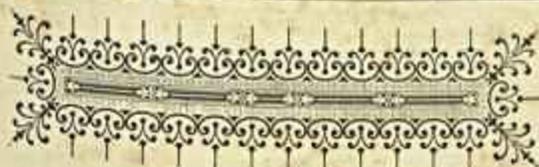
14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 440

11 DE MARÇO DE 1891

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LIBROA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

O facto mais importante d'estes primeiros dez dias do mez de março foi a abertura das camaras.

Isto não quer dizer precisamente que a abertura do parlamento produziu uma profunda impressão em Lisboa, quer dizer apenas que n'estes dez dias tem havido uma absoluta falta de acontecimentos.

As camaras de mais a mais abriram-se á capucha e nem sequer houve a festança da sessão de abertura solemne que sempre dá a sua animação á cidade; abriram-se á capucha e até agora á capucha lá tem feito as suas sessões sem despertarem uma curiosidade por ali além, sem que o publico faça queue ás portas das tribunas.

Do que lá se tem passado informará os leitores do OCCIDENTE o meu prezado collega da Revista Politica, que eu fallando aqui na abertura das côrtes obedeco apenas ao meu dever de chronista da capital, de mais a mais d'um chronista de dez dias lisboetas, que tão pouco deram que fallar de si.

Porque a verdade é que esses dez dias foram de uma pobreza franciscana.

Na minha ultima chronica dava uma mão cheia de novidades que estavam em incubação, mas essa incubação dura ainda, e a essas novidades, que estão para vir tem-se juntado outras no mesmo tempo futuro, que promettem uma chronica cheia como um ovo para d'aqui

a pouco tempo, mas que dão hoje apenas uma chronica magra como um espeto.

Das novidades annunciadas apenas se realisou uma — a do beneficio do Silva Pereira com uma comedia allemã em 4 actos *A Aranha d'Ouro* e uma comedia em um acto *Ernesto*.

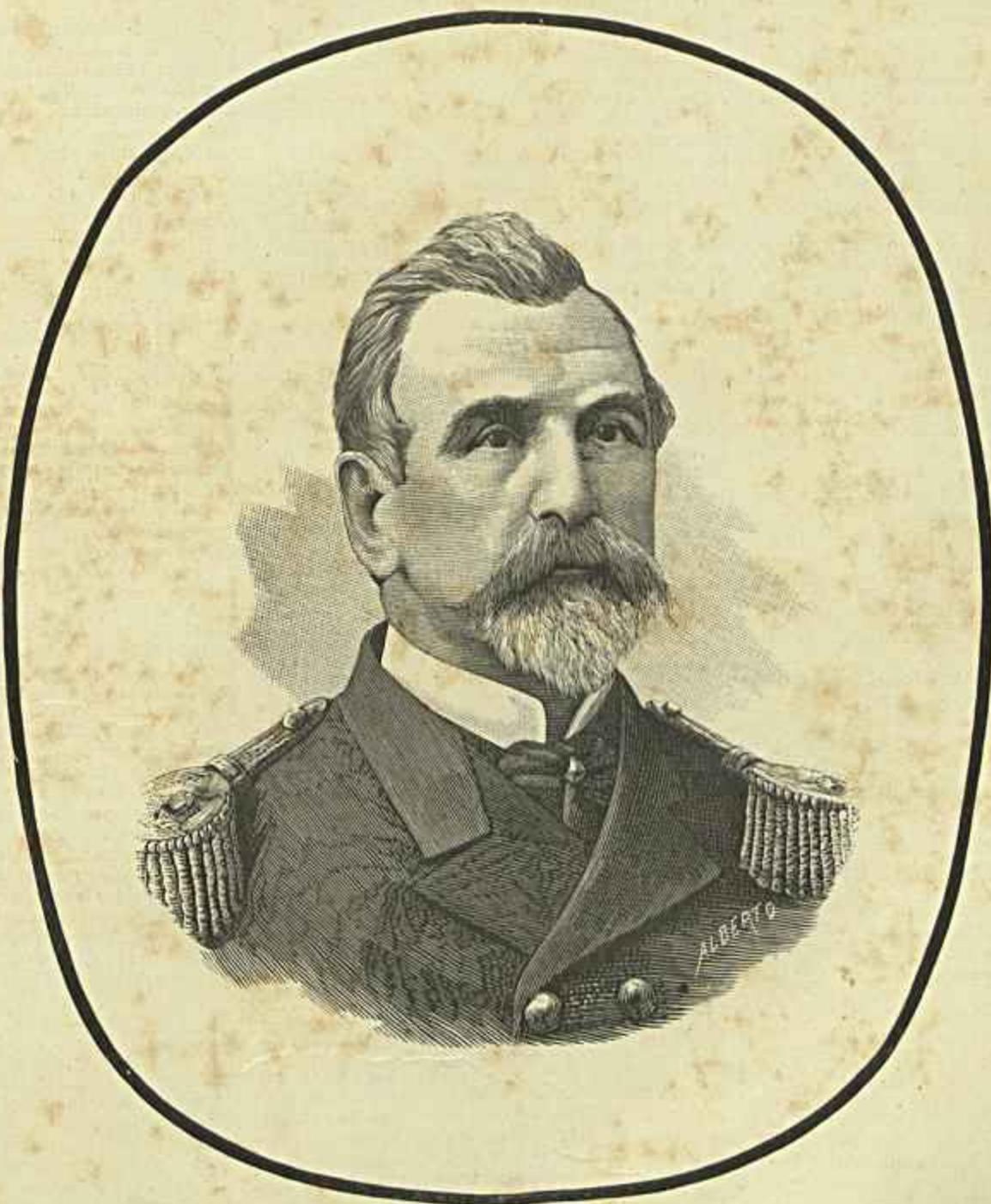
Silva Pereira é um dos artistas que mais sympathias tem entre nós não só pelo seu bello talento comico, que faz d'elle um actor muito distincto, como tambem pelo seu bello caracter, que faz d'elle um homem estimabilissimo. Muito querido como amigo, muito estimado como actor,

comprehende-se bem que os beneficios de Silva Pereira sejam sempre noites das mais festivas dos theatros portuguezes, visto estar admittido nos nossos costumes theatraes este uso do beneficio dos artistas de primeira categoria em cada theatro, assim como cada dia a igreja costuma ter as suas diversas especies de festa dos seus muitos santos ou santas mais predilectas.

Em França não ha este costume dos beneficios e entre nós ha muito quem o censure e já por vezes se tem pensado em eliminá-lo, augmentando as mensalidades dos artistas, de modo a prefazer esse supplemento ao ordenado, que elles tem nos seus beneficios.

Eu concordo tambem que realmente essa obrigação que as empresas contraem com muitos dos seus artistas de lhes dar beneficios, embaraça ás vezes o andamento dos trabalhos theatraes, transtorna o seu repositório, obriga-as a cortar espectaculos que estão fazendo a sua carreira, a amontoar peças novas sobre peças novas, com um trabalho excessivo e por vezes com manifesto prejuizo d'essas mesmas peças; mas no fim de contas, conhecendo todos estes inconvenientes que tem o uso dos beneficios ou para melhor dizer o abuso d'elles — porque é d'esse abuso que vem muitas vezes as dificuldades para as empresas, e a impossibilidade de casar a realisação de numerosos compromissos, tomados nas suas escripturas, com a boa e habil administração dos seus espectaculos — conhecendo tudo isso teria certa pena que essa velha costumeira desaparecesse dos nossos theatros e que o systema francez aqui se implantasse a valer.

E tinha pena, primeiro porque o beneficio d'um artista representa alguma cousa mais do que os tantos mil réis



O CONTRA ALMIRANTE CARLOS TESTA — FALLECIDO EM 20 DE FEVEREIRO DE 1891
(Segundo uma photographia de M. Martinez)

que elle n'essa noite mette na algibeira, representa uma festa, uma recompensa do seu trabalho de todo o anno, uma noite de jubilo artistico, que vale muito mais que o dinheiro; e em segundo logar, porque dada a nossa vida theatral, os beneficios tem mesmo para as empresas e para as peças o seu que de bom.

E' claro que quando um theatro annuncia a primeira representação d'uma peça portugueza, d'um auctor conhecido e reputado, ou d'uma peça estrangeira que vem precedida de grande fama, e cujo successo extraordinario lá fóra desperta entre nós a curiosidade, o theatro enche-se á concha n'essa noite, e a peça é vista e apreciada logo por um publico numeroso, que a acha boa ou má, que a mata logo ali ou que a alevanta.

Mas nem sempre infelizmente se dá esse caso.

Apesar do movimento tão lisongeiro para a litteratura dramatica portugueza, que se tem realisado n'estes ultimos annos, os theatros não estão nem podem estar cheios de peças originaes que despertem interesse, e lá de fora não são tantos os grandes successos cuja fama se espalha largamente entre nós, que os theatros possam viver exclusivamente d'elles, e quando a peça nova que se representa não vem escudada por um nome laureado portuguez, ou por um grande exito estrangeiro, a sua primeira representação arrisca-se muito a ser feita ante uma platéa deserta, no meio da frieza glacial, que uma sala quasi vazia communica sempre aos raros espectadores que a povoam.

E isto não é de maneira nenhuma uma hypothese gratuita, é um facto repetido muitas vezes e ainda ha poucas semanas com uma peça nova na Trindade, o *Pato de tres bicos*, que se representou pela primeira vez com uma concorrência diminuta.

E se, por um acaso muito facil de se dar, n'essa noite ha outro espectáculo qualquer muito attraente, ou chove, ou faz mau tempo, então a concorrência mais diminuta é ainda.

Ora não é preciso ser muito lido em coisas de theatro para perceber as vantagens, que ha para todas as peças novas, em serem ouvidas na primeira representação por muita gente.

Os beneficios garantem essa vantagem. Cada beneficiado tem os seus amigos, os seus conhecidos, os seus admiradores, o seu publico, e as *premieres* n'essas noites de festa tem a certeza de uma enchente.

Se a peça desagrada, morre logo ali, morre no seu posto: se agrada tem logo o seu successo assegurado e cada uma das pessoas que assistiram á primeira representação é um *reclame* vivo que chama publico, e a peça faz carreira.

E' verdade que como todas as *medalhas* tem reverso, ha alguns beneficiados que tem um publico muito especial, um publico mau, do nariz torcido: um mau jury que como acontece não raras vezes na Boa Hora, condemna um innocente ou absolue um criminoso.

Esse caso porém dá-se pouco entre nós, onde, salvo raras excepções, o publico das festas artisticas é quasi sempre o mesmo.

Ah! tem o publico dos beneficios do Silva Pereira que é dos mais escolhidos e distinctos. A sala do Gymnasio na noite de 27 de fevereiro apresentava um aspecto elegante, e Silva Pereira teve o que se chama realmente uma festa: muitos applausos, muitos brindes, muitas chamadas, muitos abraços.

A peça da resistencia, a *Aranha d'Ouro*, traduzida por um dos nossos collegas no jornalismo e no theatro dos mais espirituosos e dos mais delicados não teve um grande exito, mas agradou.

Tem as desvantagens que tem nos nossos theatros as peças allemães, cujo feitio e cuja graça é muito differente da graça e do feitio francez, a que nós estamos habituados, que constitue o nosso paladar litterario e theatral.

Na *Aranha d'Ouro* ha scenas engraçadissimas, verdadeiros achados, ha bellos typos, mas tudo aquillo nos parece desmanchado: é feito d'uma maneira muito diversa da maneira franceza, hespanhola e portugueza, e coisas que com certeza fazem estorcer a rir uma platéa d'allemães passam por deante do nosso publico sem conseguir fazel-o sorrir, e massando-o por vezes.

A tradução é excellente e excellente o desempenho que lhe deram os artistas do Gymnasio, especialmente Silva Pereira, Eloy, e Valle que marcou um papel insignificante com a sua chancellia de grande artista.

A comedia *Ernesto*, é muito franceza, mas tem graça e é representada magistralmente por Silva Pereira.

* * *

Como disse as outras novidades de que lhes

fallei na minha ultima chronica estão ainda para apparecer.

O *Frei Luiz de Sousa*, a opera portugueza do maestro Gazul, que é este anno a opera de obbligo, está já em ensaios d'orchestra e deve representar-se no principio da semana.

A primeira leitura da opera pela orchestra foi um grande triumpho para Gazul que teve ruidosa ovação, pela maneira como esta tratada, pelos processos modernos, toda a orchestração.

Frei Luiz de Sousa é segundo nos dizem um trabalho distincto, um drama lyrico, quasi todo dialogado, afastando-se muito da forma italiana.

As recitas do *Tamagno* devem principiar no dia em que esta chronica vir a luz, e principiam pela opera em que ha grande curiosidade de ver o celebre tenor, o *Othello*, que elle creou.

A assignatura para as recitas do *Tamagno* está coberta ha muitos dias, apesar da elevação dos preços.

E ainda dizem que não ha dinheiro! Em D. Maria apressam-se os ensaios do *Alcacer-Kivir*, de D. João da Camara que deve representar-se no dia 14.

Conhecemos da peça trechos deliciosos, e um final de acto, que deve ser d'um effeito enorme, o final do terceiro acto, parece-nos, o da partida de D. Sebastião para Africa.

Os principais papeis do *Alcacer-Kivir* estão a cargo de Virginia, Rosa Damasceno, João Rosa, Brazão, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Pinheiro, e tudo faz crer que João da Camara encontrará no seu novo drama o mesmo grande successo do *D. Afonso VI*.

* * *

A acrescentar á lista das novidades que se preparam, que demos na nossa ultima chronica, ha uma novidade de primeira ordem, que está já revolucionando todo o publico de Lisboa, apesar de se annunciar ainda para os primeiros dias de abril — a da representação unica d'uma comedia, escripta expressamente para ser representada uma noite, e desempenhada pelos primeiros artistas portuguezes e pela grande cantora Helena Theodorin que n'essa comedia representará e cantará em portuguez.

Essa recita, unica nos annaes do nosso theatro, será em beneficio das Creches de Santa Eulalia, e daremos d'ella mais amplos promenores na proxima chronica.

* * *

Agora mesmo que iam a terminar chega-nos uma noticia triste que infelizmente era já esperada ha muitos dias, a noticia da morte do illustre publicista o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Apesar de bastante idoso já, pois nascera nos primeiros annos do seculo — em 1807, José Silvestre Ribeiro luctou desesperadamente com a doença, e a morte não o venceu assim ás primeiras razões.

Depois de uma longa enfermidade e de uma demorada agonia, o illustre publicista expirou no dia 9 ás 10 horas e meia da noite.

Paz á sua alma.

Gervasio Lobato.

CARLOS TESTA

A nossa marinha de guerra acaba de receber uma perda sensivel com a morte de um dos nossos mais dignos e illustrados officiaes, o contra-almirante Carlos Testa.

Carlos Testa não era uma d'estas individualidades deslumbrantes, que offuscam com as suas apparencias tantas vezes mentirosas, mas que deixam apenas o fugidio rasto d'um meteor. Organização vigorosa, tanto sob o ponto de vista physico, como sob o ponto de vista moral, o illustre marinheiro evitava tudo o que podesse offender a sua modestia e retrahia de proposito as suas qualidades, para só fazer uso d'ellas quando eram reclamadas por necessidade de serviço da patria ou interesse nacional. A posição distincta que occupava na sua arma ou na sociedade devia unicamente aos seus merecimentos intrinsecos; conquistara a com a sua aptidão e com o seu trabalho. Homem de creições sinceras e fundas, nunca emittiu uma opinião por conveniencia pessoal, nunca deixou de a sustentar quando estava convencido de que entrava na defeza de uma causa justa.

Carlos Testa era uma d'estas energias uteis, um pouco deslocadas da época, um pouco fóra

do ambiente convencional que nos estreita e asphyxia. Algumas das suas idéas, sobre todo em religião e em politica, podem ser consideradas por muitos como retrogradadas, mas, qualquer que seja o conceito que d'ellas se faça, o que se lhes não pôde negar é o valor da sinceridade. Ainda quando discordemos das suas opinões, somos obrigados a respeitá-las, porque vimos que não as dictou a hypocrisia. A mascara de Tartufo não se afivelava n'aquelle rosto.

A individualidade de Carlos Testa tem de ser considerada debaixo de mais um ponto de vista. Como official brioso, como homem tecnico, como professor e como publicista.

O tempo que Carlos Testa serviu na armada foi um periodo de paz e por isso não houve occasião de fulgirem em todo o seu relevo as qualidades demonstrativas do seu valor. As commissões, porém, que lhe foram incumbidas, desempenhou-as d'um modo altamente satisfatorio, ganhando por isso a estima e a consideração dos seus collegas e dos seus superiores. Assentando praça em 1839, com 16 annos de idade, foi promovido a guarda-marinha em 1843. Durante o tempo que cursou as respectivas aulas foi sempre um estudante distincto e premiado. A lista dos seus postos é como segue:

29 de março de 1847 — 2.º tenente.

13 de julho de 1850 — 1.º tenente.

31 de outubro de 1866 — capitão-tenente.

6 de novembro de 1873 — capitão de fragata.

20 d'agosto de 1879 — capitão de mar e guerra.

27 de fevereiro de 1890 — contra-almirante.

Alem de varias commissões que desempenhou condignamente, Carlos Testa acompanhou el-rei D. Luiz (então ainda infante) nas suas digressões maritimas.

Em 1865 abriu-se concurso para a cadeira de Direito Internacional Maritimo, na Escola Naval, e Carlos Testa conquistou-a, depois de ter apresentado as mais brilhantes provas. Não considerando, como tantos, o professorado como um eronico, o distincto official escreveu e publicou um compendio para uso dos alumnos que frequentavam a sua aula.

Carlos Testa não era simplesmente um official theorico. Não esquecendo os deveres da sua cadeira, seguia com firmeza e enthusiasmo as transformações porque ia passando a architectura naval, e pode-se dizer, sem offensa para ninguém, que elle era n'este ponto um verdadeiro especialista. Os documentos, de mais de uma especie, não faltam a comproval-o. Em 1864 publicou elle um importante trabalho que intitulo *Considerações sobre os navios de guerra*, e em 1890, pouco tempo antes de fallecer, voltava de novo ao assumpto, publicando um folheto intitulado *Questão de preferencias na aquisição de navios de guerra*. Escreve elle no começo d'este opusculo:

«Quem chegou a completar 30 annos de serviço ao seu paiz na carreira maritima, sente-se a esta ligado moralmente, mais pelas recordações do passado, do que pelas aspirações do futuro.

«Ainda assim o amor da arte, da qual se foi obreiro durante um prazo que abraça a maior parte da vida, não permite ficar indifferente perante as questões que ao presente se discutem, com relação aos interesses de tão importante ramo da publica administração, e ao melhor aproveitamento de quaesquer meios que n'esse intuito se pretendam applicar.»

O veterano não descançava um momento no seu lidar incessante.

Em face d'estas circumstancias que tanto o recommendavam, não admira que Carlos Testa fosse quasi sempre chamado para o desempenho de commissões, em que os seus conhecimentos technicos eram geralmente reconhecidos. Convidado sem-não, como o convidaram, para ministro, e elle recusaria a honra, mas para o desempenho das funções, em que a sua actividade fosse aproveitada proficuamente, estava sempre prompto. A tempera do seu caracter não era para as torções malleabilidades da politica. O marinheiro, affeito ás brisas agrestes do mar, não se afilçava á atmosphera viciada dos gabinetes ministeriaes.

Os serviços que elle prestou sob este ponto de vista, assistindo á aquisição ou dirigindo a construção de navios para a nossa esquadra, são importantissimos. Os factos só tem comprovado a escolha de tão habil e de tão honrado especialista. Façamos de corrida a lista d'esses deveres officiaes, tão exemplarmente cumpridos. Em 1860 foi encarregado de conduzir a Inglaterra a corveta *Sã da Bandeira*, afim de se lhe metter machina. Em 1871 foi incumbido de adquirir o transporte de guerra *India*, que recebeu este nome por

causa dos acontecimentos que então se deram n'aquella nossa possessão asiatica. Em 1874, sendo ministro João d'Andrade Côrvo, foi-lhe encarregada a acquisição do couraçado *Vasco da Gama*, das corvetas *Rainha de Portugal* e *Mindello*, das canhoneiras *Rio Lima*, *Sado* e *Tamega* e ainda do transporte *Africa*. Em 1876 entrava a barra de Lisboa commandando o *Vasco da Gama*. Em 1884 ainda recebia tambem a incumbencia de superintender na construcção da corveta *Afonso de Albuquerque* e das canhoneiras *Liberal* e *Zaire*.

O perfeito conhecimento da lingua ingleza, aliado aos seus conhecimentos technicos e á integridade do seu character, fazia com que Carlos Testa cumprisse sempre estas funcções com um zelo e regularidade inextinguíveis.

A actividade de Carlos Testa não se manifestava unicamente nas cousas maritimas. A sua penna era tambem incançavel. Na imprensa e no parlamento advogou causas importantes, algumas d'ellas de elevado alcance patriótico. Embora não fosse um escriptor brilhante, era um publicista distincto. Não o namorava a belleza da phrase nem o arrendado do estylo: o que procurava era dizer chãmente o que sentia. A sua força não provinha da imaginação, mas d'um espirito reflexivo e sensato. Escrevia convictamente, desinteressadamente, no interesse unico de satisfazer a sua consciencia. Pouco lhe importava que as suas idéas desagradassem, porque não procurava a popularidade, esse traço de santelmo que tantas vezes nos fascina para nos levar á beira d'um abysmo. Uma prova da independencia do seu character é a coragem com que elle emittiu o seu parecer na occasião das polemicas suscitadas nas nossas contendas diplomaticas com a Inglaterra. Elle não deixava de reconhecer que este paiz abusava da nossa fraqueza, mas outros havia, no seu entender, que mais nos tinham insultado sem terem provocado equal irritabilidade da nossa parte. Espirito recto, punha a justiça e a imparcialidade da historia acima de tudo, sem que por isso se podesse notar a mais pequena noção nos arminhos do seu patriotismo. Se a Inglaterra lhe merecia sympathias, assim como as tinha merecido a Alexandre Herculano, nem por isso deixava de a verberar quando entendia que o seu procedimento era menos justo ou regular. O seu folheto *Lord Palmerston, a opinião e os factos* dá d'isso um indeleavel testemunho.

São numerosos os seus escriptos, muitos dos quaes estão disseminados em diversas folhas periodicas e que elle tratava agora de recolher. A morte não o deixou realizar este plano, mas a empreza cremos que não deixará de ir por diante. Dos seus opusculos e livros apresentaremos aqui uma nota, que é bem possivel não seja de todo completa. Eil-a na sua ordem chronologica:

- 1860 — *Breves considerações acerca da navegação por vapor, em relação á força das machinas, economia do combustivel, e extensão das viagens. Extrahidas do inglez*. Lx. Imprensa Nacional, 8.º grande de 16 pag. Sahuu anonyma.
- 1861 — *Um novo titulo de soberania, e o seu reconhecimento. O facto, o direito e a conveniencia*. Lisboa, typ. de J. J. de Carvalho, 1861, 8.º grande, 16 pag.
- 1864 — *Considerações sobre os navios de guerra em relação aos systemas de construcção e armamento, e sua efficacia para o ataque e defesa*. Lisboa, typ. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 157 pag.
- 1865 — *Lord Palmerston, a opinião e os factos. Um brado á pró da verdade*. Lisboa, typ. da Sociedade Franco Portugueza, 8.º, 37 pag.
- 1866 — *Inconveniencias e contradicções no julgamento da politica dos Estados e conducta dos governos*. Lisboa, typ. de G. M. Martins, 8.º, 110 pag.
- 1869 — *Quadros vivos da politica, ou justificação de descrentes e desengano de illudidos*. Lisboa, typ. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 67 pag.
- 1869 — *A reacção e o convento de Aveiro. Per um amigo da liberdade*. Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 8.º, 20 pag.
- 1880 — *A influencia europea na Africa perante a civilização e as relações internacionaes. Considerações acerca do tratado de 30 de maio de 1879 denominado de Lourenço Marques*. Lisboa, typ. Universal, 8.º, 68 pag.
- 1880 — *A politica intercolonial e internacional e o tratado de Lourenço Marques*. Lisboa, idem, 8.º, 68 pag. É um additamento á memoria anterior.
- 1881 — *Principios geraes e regras praticas de direito internacional maritimo*. Lisboa, idem, 303 pag.
- 1888 — *Verdades amargas sobre questões sociais*. Idem, idem, 61 pag.
- 1888 — *Portugal e Marrocos perante a historia e a politica europea*. Idem, idem, 40 pag.

1890 — *Questão de preferencias na acquisição de navios de guerra*. Idem, idem, 21 pag.

1890 — *Incidentes da politica externa de Portugal ou titulos de recommendação na escolha de suas alianças*. Idem, idem, 144 pag.

Por esta resenha bibliographica se reconhece quaes são os assumptos de preferencia tratados pelo author. As questões internacionaes despertavam lhe principalmente a sua attenção, defendendo convictamente as vantagens da aliança ingleza, adoptando assim as doutrinas expandidas por Alexandre Herculano e Andrade Corvo, dois vultos da nossa litteratura.

Eis aqui desenhada a traços largos a physionomia energica e sympathica de Carlos Testa. Nunca tivemos o prazer da sua convivencia pessoal, embora nos sentissemos naturalmente impellidos para elle pela esphera de attracção que circumda todo o homem de bem. Não fomos o panegyrista, fomos apenas o apreciador imparcial. Não faltámos ao nosso dever de critico e cremos ter assim satisfeito, sem os ouropéis da lisonja, a piedosa aspiração d'um amigo dedicado e saudosos, que desejava collocar esta corôa de homenagem sobre a campã do illustrado e brioso official.

Sousa Viterbo.



AS NOSSAS GRAVURAS

ESCÓLA MUNICIPAL EM QUELIMANE

Damos hoje nas paginas do OCCIDENTE logar a uma estampa que, na sua simplicidade, tem uma alta significação como elemento civilizador e de boa resposta aos que nos accusam de escravidão na Africa.

Os nossos amigos inglezes não cessam de nos attribuirem o trafico da escravatura nas nossas possessões d'Africa, e em cada dia inventam novos factos n'este sentido pretendendo assim desacreditar-nos á face das nações civilizadas, mas estes embustes, grosseiros, forjados para encobrirem os proprios traficantes de escravos que se acoitam sob a bandeira ingleza, já não conseguem indignar-nos sequer, nem encontrar echo nas nações da Europa, que vão estando cada vez mais ao facto de como Portugal tem procedido em face dos tratados e de como a Inglaterra respeita esses mesmos tratados.

Todos sabem hoje como a Inglaterra civilisa a Africa; todos sabem dos meios *humanos* de que ella se serve para dominar n'aquelle paiz. Aqui e em toda a imprensa da Europa se tem referido as atrocidades que o inglez commette em Africa para reduzir á obediencia o africano que o detesta, e essas atrocidades na sua forma mais simples reduzem-se a fazer desaparecer o indigena, mutilando-o pelo alcool, semeando a discordia entre as tribus e fornecendo-lhes armas e polvora para atear a guerra de extremínio no seu seio, e quando isto não baste infligindo-lhe os castigos mais barbaros a que a morte põe termo, de modo que a resultante de toda esta civilização á moda ingleza, será d'entro em poucos annos não haver em Africa um habitante natural d'aquelle paiz.

Compare-se esta civilização ingleza com a civilização que Portugal tem levado ás suas colonias e achar-se ha facilmente a explicação da aversão que o indigena tem ao inglez, em eloquenté contraste com o respeito e espontanea estima que tem pelos portuguezes.

As missões dos padres portuguezes incutem no espirito do preto o amor do bem, combatendo com a caridade do evangelho todas as más tendencias do coração humano. Essas missões são uma grande força civilizadora, que longe de anniquillar o indigena ou de o levar á revolta, lhe ensina o amor do proximo, o valor da vida, os direitos da humanidade, e o preto rude, barbaro, sente acordar a alma para uma nova vida melhor e agradece a quem lhe fez esse beneficio.

D'aqui a sua sympathia pelo branco, e esse branco para elle só é o portuguez.

Este é o primeiro passo dado na civilização do indigena, depois d'aquelle vem naturalmente a escola.

A escola! Foi ella que nos suggerio estas breves considerações, porque foi attentando n'ella que reconhecemos mais uma vez quanto são injustas e falsas as apreciações dos inimigos do nosso dominio em Africa, apreciações movidas pelo vil interesse mercenario

Hoje mais do que nunca se torna bem necessario evidenciar á Europa inteira que a influencia civilizadora de Portugal nas suas colonias, se não tem o brilho e esplendor da riqueza que levanta palacios e faz cidades de um dia para o outro como só o permite os recursos monetarios das ricas nações, nem por isso essa civilização é menos sincera nas suas intenções, nem menos proveitosa em seus fructos; porque sem violencias, sem odios, sem destruir, ella procura antes fazer do indigena um cidadão, chama-o ao convívio das sociedades cultas e edificar o seu imperio sem o alicersar sobre os cadaveres dos que ali tiveram o berço.

O indigena das nossas possessões tem já hoje escolas em quasi todas as colonias, pelo menos em todas aquellas que estão na situação de as dever ter.

Nestas circunstancias conta-se a colonia de Quelimane uma das mais prosperas que existe em Africa.

O desenvolvimento d'esta colonia nos ultimos annos é sensivel e de anno para anno augmenta de importancia.

Já aqui temos dado varias vistas de Quelimane, dos seus edificios mais importantes.

A sua Escola Municipal, se não é um edificio importante pela sumptuosidade da sua architectura é o pela importancia moral que tem.

Em toda a simplicidade da sua apparencia ella diz-nos que o indigena a frequenta n'aquelles cento e tantos rapazes que se agrupam na sua frente.

Attentae n'aquellas caras e reconheceréis que são todos indigenas, e que amanhã poderão ser cidadãos uteis ao seu paiz e bem dirão dos portuguezes como de paes desvelados, que os arrancaram ás trevas da ignorancia para os fazer entrar no convívio da sociedade.

EGREJA DA FLOR DA ROSA

A pouco mais de um kilometro do Crato, por uma bella estrada ladeada de boas propriedades, encontra-se a Flôr da Rosa, vetusto monumento religioso que dá o nome á pequena aldeia que lhe vive em roda, entregue á sua industria de loiça ordinaria á prova de fogo, pelo que é muito procurada em toda a provincia.

E' terra bem arejada e sãda e que todos os annos, por 8 de setembro, reúne numerosas romarias que de dez leguas em roda veem ali prestar as suas devoções a Nossa Senhora das Neves, orago da igreja da Flôr da Rosa que é tambem freguezia.

Ha então feira muito concorrida assim como a 15 de agosto durando cada uma tres dias.

E' em uma planicie de terreno alagadiço, pouco adiante do logar, que se ergue o velho edificio da Flôr da Rosa, fundado pelo prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Pereira para seu alcaçar, onde não esqueceu a piedade christã, constraindo a igreja dedicada á Virgem sobre a invocação de Nossa Senhora das Neves ou da Fior da Rosa.

O edificio de architectura gothica, mais parece uma fortaleza inexpugnavel que um templo christão e poucos exemplares existem em o nosso paiz d'esta architectura meio militar, meio religiosa, em que a um tempo se rendia culto á divindade e se defendia dos assaltos dos inimigos da patria.

Pela nossa gravura, copiada de uma excellente photographia graciosamente offerecida ao nosso periodico pelo sr. Luiz Cordeiro Godinho, se faz boa ideia do edificio da Flôr da Rosa, todo acastellado com suas torres, ameias e cubellos que os annos vão derruindo, sendo hoje grande a sua ruina, que vae tambem invadindo o templo.

As cellas dos antigos moradores já de ha muito que estão cahidas, conservando-se ainda de pé apenas algumas sallas em vespera de cahirem tambem, e um grande claustro de oito arcadas que mais parece um matagal onde as plantas sylvestres crescem desenvolvidamente.

A igreja é comprida e de uma só nave, tendo na capella mór a imagem da Virgem esculpida em marmore, com muito apreciavel perfeição se attendermos á sua grande antiguidade. Ao meio do templo ergue-se um tumulo de marmore bem lavrado, com doze palmos de comprido, em forma de tumba, tendo ás cabeceiras duas cruces, uma liza da forma das de Malta e outra floreada que parece ser dos Pereiras.

N'este tumulo descansam os restos do fundador d'aquella casa D. Alvaro Gonçalves Pereira filho do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira e de D. Tereza Pires Villarinho, e pae do invencivel Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem e de Barcellos e mordomo-mór de D. João I.

Outro tumulo se encontra ainda no cruzeiro da



ESCOLA MUNICIPAL EM QUELIMANE

(Segundo uma photographia)

egreja, é o de D. Diogo d'Almeida, sexto prior do Crato, irmão de D. Francisco d'Almeida que foi governador da Índia e de D. João d'Almeida segundo conde de Abrantes.

Almeida Garrett encontrou em Flôr da Roza, a casa em que se educou a sua Alda, a esposa do Allageme de Santarem. A sobrinha de Tristão Dias, afilhada de D. Alvaro Gonçalves, ali nasceu e se criou, como *senhora entre senhoras, com mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas.*

ILHA E PRAIA DE TAMANDUÁ

(RIO MADEIRA AMAZONAS)

Esta praia é muito conhecida por n'ella virem desovar innumeras tartarugas quando, na estação da secca, de agosto a outubro, e ás vezes até novembro.

É aqui que os habitantes do rio Madeira fazem

vido á agglomeração d'ellas, bota na agua, todos os dias grande quantidade mortas asphixiadas pelo calor que as abraza e lhes queima a carne.

D'ahi vae o commandante vendendo, ou os *viradores* regulando o preço de 1500 a 2500, conforme a quantidade que tem.

Os compradores, e *viradores*, ali são munidos com seus batelões preparados com grades de páu, como se fôra para carregarem palha, embarcações que trazem a reboque dos vapores,—as carregam de tartarugas, outras vezes em jangadas, seguem com ellas a suas casas, morrendo tambem muitas pelo mau acondicionamento, durante a viagem, ainda que resguardadas do sol por palhas de palmeira. Em casa depositam-nas em agua para as conservar por mais tempo mais nutridas.

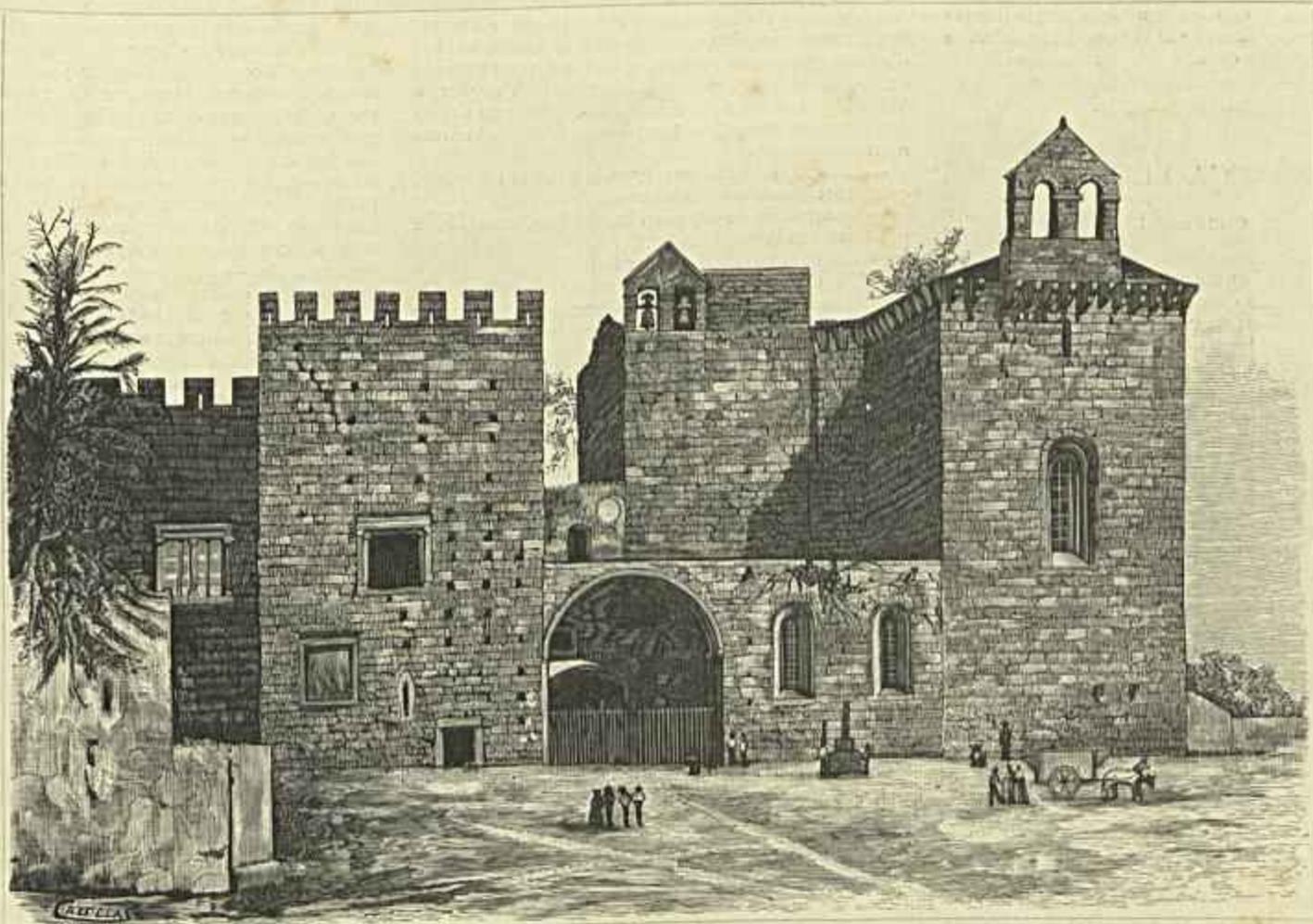
No entanto estes animais chegam a estar um anno no curral, sem beber ou comer; — mas para conservar sua nutrição, deitam no deposito bananas, goyabas, etc.

D'ahi vão tirando para comer, e podemos asse-

consequente, estes signaes, onde elles terminem, pôde cavar-se que ali se encontram os ovos. Se chove porém, é difficil dar com o ninho, por haver a agua apagado as passadas, mas ha gente tão experimentada que não a embaraça tal inconveniente.

Muitas vezes é tal a quantidade de tartarugas a depositar seus ovos e a abrir covas, que dando em outros ninhos, partem e tiram os ovos que já outra ali pôz, e depositam os seus ficando aquelles de fôra da areia para regalo dos urubús, (corvos), que anciosos aguardam em bandos tal pe-tisco.

Além dos ovos que se estragam e se comem, ou de que fazem manteiga, — que não chegam a germinar, finalmente, — as tartaruginhas, ao sair da cova á superficie da areia para se lançarem logo na agna, são victimas, aos milhares, do povo que tambem as colhe para cosinhal-as, levar em saccos, finalmente, até em canóas, o que consiste um deplorable estrago, sem proveito, pois não só



EGREJA DA FLOR DA ROSA

(Segundo uma photographia do photographo amator sr. Luiz Cordeiro Godinho)

seu abastecimento d'estes amphibios para seu sustento, durante muitos mezes do anno.

Na época designada, é nomeado pela camara do municipio um commandante com o fim de fiscalisar o serviço da distribuição das tartarugas pelos habitantes, que as vão procurar ali.

N'esta época, estabelece-se na praia uma especie de *bivac*, onde se destaca a habitação do commandante cercada por diversas outras barracas, todas de palha, aguardando a sahida das tartarugas os individuos que munidos de batelões e canóas, as vem buscar. Ellas começam a sair da agua á praia, em geral, na força do sol, em numero de milhares. A' noute, depois de haver na praia uma quantidade d'ellas, grande, o commandante dá ordem para a *viração*, voltando-as então os *viradores* de peito para o ar, em cuja posição, devido á sua constructura, peso e falta de apoio, não podem mais voltar-se. Assim o povo vae virando e deixando, para depois de ter um numero concedido, voltar a leval-as para seu barco, dando umas tantas ao commandante, pondolhas no curral que, com antecipaçoão tem ja construido, de páus, em quadro; e ali vae juntando a sua parte, chegando a contar milhares, d'onde, de-

gurar que é uma carne agradável e saborosa, sendo até preferivel á carne de gado vaccum, d'este paiz.

Do lombo e carne do casco da tartaruga fazem saborosos assados e cosidos, — e ensopados excellentes; bem como a celebre *sopa de tartaruga*, apreciada pelos viajantes; porém, a manipulação d'estas comidas perde todo o seu valor, quando não preparada pelos naturaes do Amazonas.

Devido á immensa quantidade de tartarugas que procura a praia para desovar, muitas chegam a pôr os ovos, mas ainda d'estes são poucos os que germinam, já porque o povo procura as covas para os tirar e comer, já para fazer manteiga ou banha de tempero, a procurada manteiga de tartaruga, que se presta para tempero e luz, tendo a vantagem de não crear ranço.

É facil dar com os ninhos de ovos, posto que a tartaruga depois de abrir a cova na areia, e os pôr em numero de 120 a 160, — tapa-a com a mesma areia, e collocando-se em cima da cova, suspende-se nas mãos e pernas, batendo com o peito sobre a cova, retirando-se em seguida, deixando vestigios de sua passagem pelas egadas paralelas que vae marcando. Percorrido p:

não deve ser saborosa esta comida (ainda que alguns a affiançam), como não merecia a pena tal estrago, que de futuro daria melhor proveito, quando grandes, visto que estes pobres reptis, em tal estado não tem carne que possa alimentar.

A tartaruga é facil de *virar*, posto que ao sentir gente corre com ligeireza no primeiro impeto, depois fica-se assolapada.

Os ovos tem a casca flexivel em qualquer estado, e não se prestam para fritar como os de gallinha, tendo d'esta forma um *petiú* ou *catanga*, desagradaveis.

As tartaruginhas são muito estimadas em Manaós e no Pará, para as caldeiradas; para onde as levam nos vapores como grande mimo, dentro de dornas com agua.

No convéz dos navios tambem conduzem centenaes de tartarugas para os pontos intermediarios do rio, do Pará e Manaós.

O processo para a fabricaçoão da manteiga dos ovos de tartaruga, é o seguinte:

Juntam-se estes n'uma tina ou até n'uma montaria ou canóa, conforme a quantidade; — ali os pisam como uvas em lagar, a pés, bem machucados, misturando-se-lhes uma pouca de agua.

Deixando-os assim por algum tempo, e logo que as materias estranhas são expulsas, fica a gordura depositada na superficie, d'onde se tira para grandes taxos que levam ao fogo e feito isto, emquanto a manteiga está meia homogênea, lançam-a em potes, ou em garrações, e assim a levam ao mercado.

No entanto a melhor manteiga para temperos, é a extrahida da gordura das proprias banhas do animal.

Da carne tambem se faz excellente mexira.

Em fins de novembro, em geral, a enchente do rio cobre a praia de *Tamandua*, ficando a ilha limitada a uma pequena quantidade de arvores que vejetam ao fundo da praia, n'um alto; e n'esta época se retiram as tartarugas quasi sempre para os lagos — *igapós*, — ali então, se torna facil aos mariscadores a sua pesca á físga ou frecha, como nos rios, indo arpoal-as no casco, para o que usam o arco e frecha.

Da mesma formam pescam o *capitarry*, macho da tartaruga, porém mais pequeno e de carne inferior, não se aproveitando, nem sua carne, nem caldo, para alimento de doentes, como da tartaruga, — a não ter sido castrado este amphibio.

Finalmente, a tartaruga é a providencia d'estes rios, e a *Praia de Tamandua*, de que hoje damos a vista, é a despensa do alto Rio Madeira.

UMA LICÇÃO DO AVÔ

Conto social

Elle era um velhote amavel, complacente com todas as estroinices do neto, que lhe saltava sobre os joelhos em guiza de cavalleiro; lhe desatava o laço do gommado lenço do pescoço; lhe amarrotava os bicos do collarinho, que emoldurava a rugada face; lhe desmanchava as farripas do cabello alvissimo, artisticamente dispostas de modo a cobrir a calvice; e mil outras desenvolturas, mas que o achavam sempre bem disposto, sempre jovial, sempre rindo-se para o rapaz, a quem chamava o seu diabrete, os seus peccados.

O pequeno, esse, era de uma turbulencia temivel.

O sangue novo, que lhe fervia nas veias, dava uma elasticidade extraordinaria aquelles nervos franzinos.

Não podia estar quieto; as pernas andavam n'uma dobaioira, os braços deslocavam-se em exercicios gymnasticos, a cabecinha volteava doadamente em todos os sentidos, com uns olhos pretos muito vivos, muito scintillantes e muito irrequietos.

Quería saber o porquê de todas as coisas, instava depois pela resposta e levantava objecções. Tinha ditos muito a tempo, que faziam rir o velhote, o qual se via muitas vezes seriamente atrapalhado para satisfazer aquellas curiosidades, aquellas exigencias de saber.

O avô era instruido; tinha levado a vida no estudo dos livros, das coisas e dos homens, e contava-lhe historias instructivas.

As historias do avô eram o unico meio de ter o neto em descanso, porque o escutava com muita attenção, com seriedade: parecia então um homem de juizo, o traquinas.

Quando a narrativa era triste, quando referia alguma desgraça, quando havia n'ella algum rasgo de heroismo, de dedicacão, de philantropia, alguma d'essas accões nobres, que chocam, que ferem a sensibilidade, fazia beicinho, e os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas.

Se o avô contava um acto sensuravel, indigno, infame, então arrelivava, batia com o pé no chão, protestava que se o sujeito ali estivesse dava-lhe uma dentada, um sóco, atirava-o pela janella.

O avô amimava-o, dava-lhe beijinhos, chamava-lhe a sua joia, e tinha tambem assomos de sensibilidade, despertados pela ternura do coração do neto.

— Avôsinho, venha de lá um conto: gritava o rapaz, depois de fatigado pela retouça.

E o avô tinha sempre um conto moral, ou um facto historico com que entreter o pequeno, e que era ao mesmo tempo uma licção para aquelle espirito juvenil e um pasto para aquelle coração amoroso.

— Lá vae uma historia, Lu lu, dizia o velhote quando o queria sentadinho, sem travessuras nem taraguellices fóra de proposito.

E o pequeno dava os ultimos pulos, a ultima cambalhota, e ficava serio, arrastando a cadeira para o pé do avô, e sendo todo attenção.

— Vamos a isso, avôsinho; dizia.

Então era só carinhos; fazia-lhe festinhas na face, alisava-lhe e compunha-lhe as farripas, e dava-lhe beijos.

— O avôsinho é muito amigo do menino, pois não é? e fazia uma festinha.

— E eu tambem sou muito amigo do avôsinho, pois não sou? e dava-lhe um beijo.

O avô babava-se pelo rapaz; puchava o para si, apertava-o affectuosamente contra o peito.

Recordava-se do filho quando tinha aquella idade, e elle cincoenta annos menos, e dizia, falando consigo mesmo — não faço mal em ser doido por este rapazola.

Final eram duas crianças.

— Vamos; comece, avôsinho, comece.

Elle então tirava do lenço vermelho, tossia, escarrava, limpava os olhos, e o pequeno estava nos ares, cheio de estremecimentos nervosos, impacientes.

Após estes preambulos o avô dizia por fim.

— Uma vez existia na floresta selvagem de Kentucky uma familia de lenhadores...

— Perdão, avôsinho; Kentucky onde é?

— Na America do norte, meu filho.

Ao tempo do meu conto Kentucky era apenas uma provincia, hoje é um dos estados unidos d'aquella parte do mundo, e fica entre os estados de Ohio, Indiana, Illinois, Missouri, Tennessee e Virginia; é muito fertil e possui quatorze linhas ferreas; mas n'aquelle tempo nem tinha industrias nem civilisacão...

— E essa familia era grande? tornou o petiz, que principiava a interessar-se.

— Compunha-se de marido, mulher, uma filha e um filho ainda rapaz...

— Tal como eu, não é verdade?

— E, sim. O pequeno nascera em 1807. Os paes eram inteiramente analfabetos, e o filho só frequentou a escola durante um mez, tendo por mestre um pobre homem, que mal sabia ler.

— Então porque? replicou a criança.

— Por duas razões: a primeira porque os paes eram muito pobres, e a segunda porque as escolas eram raras n'aquelle tempo e n'aquelle paiz.

— Era então um paiz barbaro?

— Exactamente: é assim que se denominam os paes, que dão pouco apreço á instrucção.

— E depois?

— Depois, passados seis annos, os paes carregaram sobre uma jangada os seus poucos haveres e transportaram-se á Indiana...

— Como se chama o rio, que tiveram de percorrer?

— Chama-se tambem Kentucky, e é formado de muitas fontes d'agua, que brotam dos montes Cumberland. Atravessa o estado a que dá o nome, passa em Frankfort d'America, e vae lançar-se no Ohio, a quatrocentos kilometros de distancia da foz.

— E seguiram todo o curso do rio?

— Não; chegaram só á Indiana; o Kentucky passa-lhe ao sul. Chegados ali escolheram o terreno onde mais lhes convinha estabelecerem-se, e construíram uma cabana de troncos de arvores.

— E porque mudaram elles de residencia?

(Continúa)

A. Motta.

SCENAS BURGUEZAS

VII

CONSEQUENCIAS NATURAES

(Concluido do n.º 439)

Ema entrou na galleria reservada e sentou-se. Ao olhar porém para a sala das sessões, a voz de um deputado, — estava fallando de costas para ella, frente para o presidente da camara — fez-lhe estremecer...

Mas não podia ser elle, pensou, porque os deputados conversavam não parecendo dar-lhe muita attenção. O deputado que n'aquelle momento tinha a palavra, fallava de vagar, a meia voz, com indifferença, sorrindo. Dava curtos passeios entre as bancadas da segunda fila, virando-se por vezes para a tribuna reservada: Ella então pôde ver que este era um homem de estatura regular, todo vestido de preto, typo energico, meridional, cabello curto e forte, embranquecendo nos parietaes e destacando dos da frente que eram de todo escuros, barba aparada em ponta; os olhos... aquelles olhos castanhos onde havia tanta luz, revellaram-lh'o. Era Mario Guerreiro. A custo pôde conter um grito. Cabello branco! Para aquelles

les que sem distracção vivem em desgosto profundo a vida corre com uma rapidez que assombra...

A camara ouvia-o benevolamente; o uso de fellar educara a voz n'este flegmatico; tinha-a forte, agora tornara a branda, methodica, fallava a meio tom, percorria com a vista toda a sala, parecia distrahido. Tratava-se de escravatura, do inglex Cameron. Era a ordem do dia.

Quando Mario olhou para as gallerias, vio o movimento de Ema, afirmou-se, reconheceu-a, e a voz tremeu-lhe...; na frente pareceu accusar uma sensacão de dôr.

Tudo elle se transformou; passou-lhe pelos olhos um relampago de genio, a voz echoou vibrante; argumentos de ferro varavam os adversarios; os deputados terminaram as suas praticas intimas, e começaram a rodeal-os; a maioria accordou, dispararam-se alguns *apartes*; Mario rebatia-os com o brilhantismo de um polemista consummado, o gesto era rapido e firme como na esgrima.

O seu espirito fóra sempre positivo mas não pudera fugir aos sonhos da imaginosa juventude; hoje, sentia-se forte, seguro, passara já de essa crise grave que é uma prova terrivel nos destinos de qualquer homem; entrara na vida pratica, de accão. Só os individuos de intelligencia larga e vontade soberana vencem tal prova. É preciso ter uma alma mascula, plena de generosidade para resistir ao desalento que nasce da decepção. Em tal caso psicologico os homens de espirito fraco — essas nullidades que as mulheres chamam perigosas e interessantes — descem á ultima degradação. Os de imaginação viva fortalecem-se, mas á custa de um sofrimento horrivel, — a transigencia, — a polé do espirito.

O cerebro orientado e forte dava-lhe incontestavel auctoridade em toda a camara. Por isso as suas palavras rebentavam do parlamento e explodiam no paiz como granadas! N'esta sessão teve momentos de verdadeiro talento, quando viu a Ema, a *martyrsinha* na galleria a fital-o com os seus olhos negros e tristes, anciosos, — na pujança da phrase e na magnitude da harmonia elevou consigo toda a assemblea. Fallava das mães, do seu amor sublime, e dizia:

— A alma não tem côr, pretos ou brancos, são homens, são nossos irmãos!

Governo, opposição e gallerias tudo applaudiu, esqueceram-se da politica, só viam o artista da palavra.

VIII

RECORDAÇÕES

Mario Guerreiro depois da enorme ovação de que foi alvo não pode esquecer a presença de Ema. Porque a imagem d'ella avivava-lhe a reminiscencia, e ainda tinha impresso no espirito o quadro da dolorosa situação que o obrigára a declarar que a amava... por philantropia. Porque era assim, e esta era a verdade.

Não podia esquecer aquella noite horrivelmente bella, como diria Balzac, em que pela primeira vez sentira o prazer da lagrima...

Tinha bem presente no seu espirito a Ema; via-a, ainda, n'uma ampla cadeira coberta de almofadas, abandonando-lhe indifferente o corpo como n'um estojo; o rosto anguloso, macerado, fazia destacar, dos labios crestados e sem côr, e das faces amarrinadas, o olhar negro e brilhante dos doentes d'alma... Sentara-se junto á cabeceira do leito da pobre creança e tomou-lhe as mãos marmorisadas pelo soffrimento...

— Oh! quem me dera fugir!... para muito longe!... para longe de mim!

E dizia isto n'um tom brando e vago como a voz dos martyres quando o espirito se lhes evola para a etheridade que os comprehende.

— Porque? e para onde querias tu fugir, retorquiria elle tremendo.

A resposta de Ema fóra um olhar, longo, intelligente...; os labios oscilaram levemente como a avesita que ainda não soubesse desferir o vôo, e como um leve sopro, passaram-lhe pelos ouvidos estas palavras:

— Para... ti!

Abrixa-se-lhe inteiramente uma nova existencia. As lagrimas que lhe inundaram o rosto provaram-lhe que a dôr tem suavidades...

Pelo espirito passara-lhe este quadro, e Mario via-o em toda a nitidez quando depois da sessão á saída do edificio, mandou a Ema o seguinte bilhete:

Mario Guerreiro

Pobre de bens e rico de recordações, tem a honra de complimentar a sua velha amiga

Ema bem conhecia o Mario, por isso que pas-

sou todo o dia seguinte fechada no seu quarto preza de uma agitação indiscreta, sabia que não lhe tornava mais a fallar, chamou-lhe ingrato, soberbo. E se alguém, deante d'ella, se referia com enthusiasmo ao discurso phrenodico pronunciado por Mario Guerreiro sobre a escravatura, respondia muito nervosa:

— Eu não gostei; toda a santa tarde a fallar, só de pretos, parecia que era filho d'alguma preta!...

E calou-se medrosa da heresia.

Os dias seguiam-se, o seu soffrimento augmentava progressivamente...

Abafava sob o pezo das recordações.

Não podia continuar assim, dizia. Pois ella havia de ser como que esquecida por elle!... E vinham á mente idéas de vingar-se precedidas de grandes desejos de martyrisar, de bater fosse no que fosse. Os pesitos rufavam no sobrado parecendo um longuico *toque de carga*; estendia as mãos crispadas entrelaçando-as nos dedos de uma alvura aristocratica, muito cuidada. E depois o que não deveria já dizer toda *aquella gente* do ascendente que tinha, e perdera hoje, sobre o Mario. Ascendente de que tanto se vangloriava. Porque a Ema dominava o Mario. E hoje?...

N'este estado de violento sentir, recordava-se com interesse, com prazer, do que diziam de Mario as gazetas governamentais, os seus adversarios politicos, o que ouvira aos que o invejavam, aos que insultavam o trabalho a abnegação e o talento d'elle.

Fazia mentalmente côro com elles, achava razão aos outros.

— Pois que não appareça! Decerto não serei eu que o mande chamar. Tinha graça. Deus me livre de tal. Um homem a quem os jornaes lhe chamaram tudo quanto lhes aprouve. E nem sequer matou um dos insultadores. Insultadores! não, porque se elles não dissessem a verdade elle tinha-os chamado aos tribunaes, ou desafiaria algum d'elles.

Estava contente de si e do rancôr que lhe tinha. E havia ella de o mandar chamar. Por modo nenhum. Seria baixar-se muito. Mas, sobre tudo, o que mais a decidia contra Mario, nas suas irritabilidades de hysterica, era o que diriam todos que a conhecessem ao saber que fôra ella que o chamara. Não, nunca.

N'aquelles momentos odiava-o.

— Hereje! nunca vi aquelle grande senhor em uma egreja! Deputado de campanario!...

Estendia os beijos em uma dilatação de desprezo. Diziam os jornaes, affirmava ella muito victoriosa: *deputado de campanario*. Não reparando que estes jornaes são sempre sustentados por um amigo do offendido.

Comtudo, immediatamente, por instincto, por isso que Ema não era um espirito vulgar, repugnava-lhe a camaradice com tal sucia.

Repugnava-lhe por honra sua, pelo respeito de si mesma.

E, quando se lhe distendiam os nervos como prenuncio de um socego reparador, lembrava as atenções que Mario tivera por ella, da veneração que elle lhe tributava, que fôra elle quem fizera do seu nome o anagramma de *Mãe*, e sentia ainda sobre si como que o rasto benéfico do seu olhar franco, supplicante, acariciador, e dizia:

— Não vem, não; com certeza.

Recordava o desprezo que elle tinha pela riqueza. Porque a riqueza, o ser rico, é um merecimento que só fica bem aos simples ou aos viciosos. Ella hoje era rica, elle vivia apenas do que trabalhava. Ema começava a estabelecer vagamente no cerebro theorias definidas do bem e do mal. O Bem era vel-o, ouvi-lo, sentir entre as suas mãos a cabeça d'elle, — as suas mãos!... e no seu alheamento, olhou-as afugando uma com a outra, elle tinha razão, eram realmente bonitas...

Principiava a invadir a uma certa gratidão por elle, sentia-se anciosa dos seus olhares, das mãos de Mario das suas palavras, um desejo impaciente de ouvir a sua propria voz, chamal-o, gostava de dizer o nome d'elle em voz alta, *como antigamente*:

— Oh Mario?!... ouve! disse em leve expiração.

E parecia-lhe vel-o curvar-se para ella n'um — *Que queres tu?* — respeitoso, affavel, com o seu olhar indagador, cheio de interesse pela martyrsinha. De repente, em relampago vivo, illuminou-lhe o cerebro uma idéa salvadora; e a sensação por ella produzida foi tão forte que a obrigou a cingir com as mãos a cinta e o peito. De pois levou-as aos olhos como se os tivesse quemado.

— Se eu o procurasse, sem ninguem saber...

Esta phrase — *sem ninguem saber* — é para todas as mulheres um grande motor de levandades.

— Não. Seria indigno de mim... elle proprio me desprezaria.

E diversas circumstancias, recordadas com habilidade feminina, provaram-lhe que elle não era como tantos outros; que um caracter como o d'elle era digno de tal sacrificio... e uma anciedade insupportavel tomava-a com tal força que juntou as mãos acima da cabeça e cahio de joelhos sobre o tapete, ficando os cotovellos na colcha adamascada do leito.

— Oh! meu Deus! Agora vejo que o amo! Que desgraça se isto assim fôr... Ah! É verdade pois, meu Deus, que sou toda d'elle!...

Então já não tinha duvidas. O Bem era tudo que lhe favorecesse o amor; o Mal era tudo que se lhe obstasse.

— «Sem ninguem saber» — como podiam censurá-la. Não ha nada mais encantador para a mulher do que o mysterio. A imaginação d'ellas é mais fecunda, e mais brilhante do que a do homem; particularmente no amor. Todos os dias estas palavras «*sem ninguem saber*» eram o rebate com que lembrava todos os meios para realisar o seu intento.

Finalmente, um dia, já não podia addiar o seu projecto, estava decidida; a impaciencia dava lugar ao sangue frio dos grades transes. Já não podia mais, quando ella pela inevitavel Tia Genoveva soube que o Guerreiro, morava, por alli proximo. Esperou a noite e dizendo que ia a uma amiga que morava em baixo, na escada do mesmo predio, foi procural-o para... para lhe experimentar o seu procedimento, bater-lhe, inclusivamente, castigal-o como se ella fosse sua mãe. E... lembrou-se que elle perdia noites, trabalhava muito:

— Bater-lhe? Coitado... isso não.

E sorriu, socegou.

IX

RESOLUÇÃO EXTREMA

O gabinete de trabalho da habitação de Mario Guerreiro tinha serventia directa para a escada; e era elle muitas vezes quem vinha á porta.

Pouco havia que se tinham accendido as luzes. Bateram discretamente.

Mario Guerreiro foi abrir, e á luz indecisa da tarde que avança para a noite, vio no patamar uma senhora toda de preto com veu descido, — e pensou:

— Uma viuva que pede emprego para o filho.

No entretanto não comprehendia a impressão que o tomava, sentia como que um calefrio ligeiro percorrer lhe a espinha, apercebeu-se.

— Entre minha senhora, Mario Guerreiro sou eu.

A senhora de preto entrou, e elle proprio foi fechar a porta. N'este momento a luz do dia espirante illuminou-lhe fugitivamente a frente, mostrando na fronte de Mario rugas e pinceladas como de prata no cabelo que lhe cobria as fontes.

A senhora ficou de pé, silenciosa, e, apoiando uma das mãos na secretária, deixou cahir o veu.

— Oh! Ema! Ema! gritou Mario assombrado; e levou as mãos aos olhos como se recebesse n'elles o choque violento de uma luz intensa.

Ella estendeu-lhe a mão com solemnidade, e n'um leve tom ironico:

— Adeus, sr. deputado!...

— Tens razão, ha alguns annos era mais alguma cousa, era o teu *protegido*...

E interrompendo-se muito severo:

— Vieste só?

Ella então expellio toda a sua dôr, todo o seu resentimento n'uma explosão nervosa:

— Venho fallar-te muito claro. Não venho comprar o teu amor com o meu dinheiro; descança orgulhoso. Sei que se não vende! Mas venho buscar-o com a minha honra, percebes? Fico cá esta noite.

— Estas louca, Ema! disse elle verdadeiramente aterrado.

Porque bem sabia que resolução tomada por ella, era realisada immediatamente.

— Creança! não vês que te perdes?

— Não podia resistir ao desejo de te ver. Olha bem para mim, Mario, será assim que olham as loucas? soluçou Ema.

— Querida, é preciso que este amor seja por todos respeitado. Ninguem te vio sair de casa... Escuta, attende-me: tua familia julga-te em casa da tua amiga. Não quero que a mais leve suspeita venha enodoar a tua honesta reputação. Vae para casa.

— Fiz mal? Não sei. Mas sentia aqui dentro do peito, que tu me chamavas, que me querias, ouvi distinctamente, no silencio da noite, a tua voz para mim sempre de um imperio irresistivel. Mas

se ordenas que a tua Ema saia ella partirá immediatamente.

— Sim! sim querida. Diz-me porém antes de partir, diz com a tua voz, com os teus bellos olhos que me amas, que este amor não é inspirado pela phantasia da tua imaginação, mas porque assim o queres, porque assim deve ser; que nunca me esqueceste e nunca me desherdaste da tua ternura, e eu serei contente.

Ella sentada n'um pequeno divan debruçava-se para elle como vivendo do que ouvia aos labios de Mario d'onde brotavam as palavras como jorros de agua formosos, multicolores nas grandes cachoeiras...

— Meu querido Mario, esta cabeça onde tanto tem vivido a minha imagem foi prateada pelo meu amor. É que era preciso assignalar n'ella uma prova immarcescível de quanto luctaste e de quanto soffreste... Apenas um momento duvidei de ti, lembra-te?... Foi aquella tarde, o céu cor de fogo... um beijo... ha tanto anno!

Mario interrompeu-a sollicito.

— Fomos martyres do nosso dever e do nosso amor; estamos quites para com Deus. Vae, querida, primeiro que tudo, a tua, a minha honra. É quasi noite, adeus!...

— Adeus! meu e só meu querido Mario! disse Ema abraçando-o e correndo para a porta.

Arrancaram-se custosamente um do outro.

Quinze dias depois pertenciam-se para sempre, Mario Guerreiro e Ema.

Sanccionara a igreja a sua união perante o mundo.

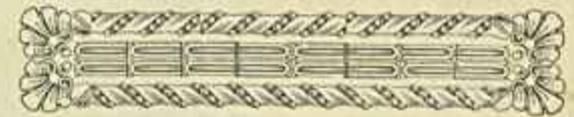
E o democrata, o puritano, conseguira livrar da devassidão do meio mais uma victima.

O proprio general Acacio disse:

— E' a união do talento com a innocencia, symbolizando a paz de dois espiritos que se amam.

— Que bem que falla o general! disse sinceramente a D. Genoveva.

Manoel Barradas.



REVISTA POLITICA

A abertura do parlamento já começa a produzir os seus naturaes effeitos, que sem serem de uma legislação por ahí alem, traduzem se em relatorios, propostas e discursos, em compensação muito curiosos e um tanto enigmaticos.

Assim temos o relatorio do sr. ministro da fazenda que acompanha a proposta do emprestimo, a dar-nos a grata noticia de que do mez de novembro ao mez de fevereiro ultimos, a divida fluctuante cresceu mais cinco mil e tantos contos, isto é mais uma filhinha da que vae ser amortizada, para não se extinguir a geração.

Temos uma proposta para redução de despesas do Estado, apresentada pelo deputado, sr. Eduardo d'Abreu, a qual nem sequer é admittida á discussão pela camara.

Temos ainda um discurso platonico de um deputado republicano, o sr. Latino Coelho, censurando uma votação muito mais platonica da camara, que achou em sua consciencia devia affirmar a sua completa adhesão á monarchia em confronto com tres deputados que o partido republicano tem na representação nacional.

Imagine-se a campanha para vencer uma tal votação e o desperdicio de rhetorica do sr. Latino Coelho para a condemnar.

Passando a analysar cada um d'estes tres productos que o parlamento por ora manifestou, principiemos pelo relatorio do emprestimo que é como quem diz o responso da agonia do padecente que vae para a força, e nunca uma figura de rhetorica, nos parece, se empregou com tanta propriedade, porque se o supplicio é cruel a justiça é recta e o culpado tem que soffrer a pena, ou então não desafiasse o castigo.

O sudario financeiro que esse relatorio pinta deixa ver bem as afflicções em que se tem visto o thesouro e nem o deitar culpas a estes ou aquelles nos pôde já aliviar a consciencia, porque a culpa é de todos, é do meio vicioso em que se vive querendo todos gastar mais do que tem, auferir mais lucros dos que merecem, importarem-se pouco com a comunidade e cada qual só cuidar de si saltando por cima de tudo, e levando a desordem do seu viver intimo para o seio da administração publica, onde a unica coisa que menos se faz é administrar.

E' por isto que de ha muito o thesouro soffre as imposições da agiotagem; é por isto que essas imposições hão de ser cada vez mais exigentes e vexatorias, até já não serem coisa nenhuma, por já nem a ellas podermos recorrer.

E digam-nos então se a figura de rhetorica foi ou não bem empregada.

Veja-se se a situação angustiosa que atravessamos nos serve de bom aviso e lição. Quaes são as economias que se tem realisado como principio de equilibrio orçamental; veja-se como o sr. ministro da fazenda confirma as boas novas que nos dava em janeiro quando dizia: que o estado das finanças publicas não chegava a ser difficil, bem podendo antes dizer que fazia das tripas coração para tal afirmar; e como por fim cahimos na realidade vendo crescer em tres mezes uma divida fluctuante de mais cinco mil contos.

E no entanto a camara não admitta a discussão uma proposta de redução nas despesas publicas.

Cá estamos com o segundo producto para a apreciação do qual já nos vae faltando o espaço.

Entretanto sempre diremos que no actual momento a proposta do sr. Eduardo d'Abreu não

Isto a nós não nos fazia differença nenhuma ao nosso magro e philosophico orçamento, e se acharem esquisito ou mesmo novo chamarmos philosophico ao orçamento, é porque não temos a mão phrase melhor com que classificar o desprendimento que felizmente nos acompanha na sobriedade do nosso viver, sobre tudo d'essas vaidadesinhas titulares, por ventura muito mais inoffensivas que as de querer ser ministro do pé para a mão que para ahi se vêem, exactamente o choriço da preta, que era encher, atar e pendurar.

Mas não se pense que foi só o parlamento o unico a pôr de parte a proposta do sr. Eduardo d'Abreu; a imprensa politica fez-lhe troça, essa imprensa que anda todos os dias a clamar por vida nova para uso externo, essa imprensa que dilue diariamente palavras, palavras para encher as suas columnas com artigos pedindo economias, sem afinal aconselhar quaes as economias que se devem fazer, tudo mais pelo amor da arte do que por ser realmente economica, quando tanto estrago faz da sua prosa.

É por fim já não temos espaço para entrar na apreciação do discurso do sr. Latino Coelho, que

AS MIL E UMA NOITES contos arabes. Edição illustrada, revista e corregida segundo as melhores edições francezas. Versão livre de Guilherme Rodrigues. Bibliotheca do Recreio, editora, Lisboa. O segundo volume d'esta bella obra que tem feito as delicias das gerações sem perder nada do interesse com que é sempre procurada.

ASSOCIAÇÃO AUXILIAR DA MISSÃO ULTRAMARINA.—Relatorios e contas de gerencia do anno de 1889-1890 apresentadas pela direcção á assemblea geral da mesma associação na sua sessão annual de julho de 1890. Mais um anno volvido na vida d'esta tão util quanto sympathica associação, que, se tem progredido em seus beneficios e desenvolvimentos, mais poderia alargar ainda a sua acção benéfica, se a isso a ajuda se um mais amplo favor publico e protecção do Estado, o qual apenas contribue com 1:000,000 réis annual para esta associação, cujos serviços nas missões d'Africa é já importante.

Emquanto a Inglaterra dispende grandes sommas com as suas missões protestantes com que nos vae intrigando a nossa Africa e desmoralisando



AMAZONAS — ILHA E PRAIA DE TAMANUÁ OU ILHA DAS TARTARUGAS, NO RIO MADRIRA

(Segundo um croquis do sr. B. M. Costa e Silva)

era para assim se deitar ás ortigas, pelo menos para a hora do convento.

Entendemos que n'essa proposta ha exaggeros mas tambem ha muita coisa justa attendendo ás circumstancias excepcionaes em que se encontra a nação, e se ninguem está disposto a sacrificios, muitos terão que se arrependem de não acceitarem um sacrificio menor para mais tarde soffrerem outros maiores, se continuarmos na mesma senda de gastar mais do que temos.

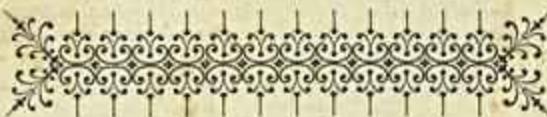
A supressão, por exemplo de certas embaixadas apontadas na proposta, era de importante economia, a redução de subsidios a municipalidades e associações commerciaes, a redução em ordenados e gratificações de serviços superiores, a supressão de recebedores de comarca á maneira que forem vagando e a accumulção d'estes logares pelos directores das estações telegraphicas, etc., são medidas muito para estudar, pondo de parte a urna eleitoral, ainda mesmo quando esta fique ás moscas por falta de concorrentes.

E os cincoenta por cento de augmento nos direitos de mercê por habitos, commendas e titulos de nobreza, tambem é mau?

Se tudo está caro, porque hade a vaidade servir-se barata?

afinal se pode apreciar n'estas quatro palavras: uma bonita obra d'arte.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A VINGANÇA DO SARGENTO romance maritimo, por G. de La Landelle, versão de M. Pinheiro Chagas Bibliotheta do Recreio, editora, Lisboa, 1890. Excellente romance em tres volumes que apparece agora em uma nova edição illustrada com desenhos de Baeta e gravuras de Alberto.

O RECREIO Almanach Litterario e Charadistico para 1891, adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor Julio Cesar Machado, por Francisco Antonio de Mattos, etc., Lisboa. É um dos melhores almanachs que se publica em Portugal e conta já o seu quinto anno.

sando os seus habitantes, em Portugal deixam quasi ao abandono as missões portuguezas tão necessarias para combaterem as escocezas e as mais effcazes para ajudarem a firmar o nosso dominio n'aquelle paiz.



ALMANACH ILLUSTRADO

DO

OCCIDENTE

Para 1891

10.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Saiu a publico este almanach.

Recebem-se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Preço 200 réis — Pelo Correio 220 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43